

VERSIONES Y DIVERSIONES: O CÂNONE TRADUZIDO

Josiele Kaminski Corso Ozelame*

Resumo

Octavio Paz, poeta, crítico e tradutor, foi um dos intelectuais mais importantes do México no século XX. Entendia de literatura, cultura, economia, filosofia e leis, transmitindo, através de sua poesia, uma visão de mundo bastante avançada, estabelecendo, entre povos e nações, fortes diálogos que perpassam o tempo. Paz era apaixonado, também, pela tradução poética, uma difícil tarefa, pois salvar a intensidade de um texto concentrado e rítmico não é nada fácil. A tradução estabelece a possibilidade de prolongar ou divulgar a existência de um autor ou de sua obra. O objeto de análise do presente artigo é a antologia *Versiones y diversiones* organizada por Paz, em que o crítico conserva alguns nomes em relação ao cânone e estabelece outros novos. Nessa antologia, podemos claramente perceber como Paz faz suas escolhas para a seleção dos poetas e também seu objetivo da instauração e divulgação de poetas menores.

Palavras-chave

Antologia; Cânone; Octavio Paz; Poetas; Tradução.

Abstract

Octavio Paz, poet, critic and translator, he was one of the most important intellectuals of Mexico. He was an expert in the field of literature, culture, economics, philosophy and laws, showing through his poetry a really advanced vision, establishing consisting dialogs among the peoples and nations that lived in that time. Paz was also a great fan of poetic translations. A difficult task, because keeping the intensity of a concentrated text and its rhythm is not something easy to be done. Translation establishes the possibility of keeping alive the existence of an author or his work. The current article analysis is about the anthology made by Paz, *Versiones y diversiones*, where the critic both keeps some canon names and introduces new ones. In this anthology, it may clearly be noticed how Paz makes his choices for the selection of the poets and his goal of selecting and promoting new minor poets as well.

Keywords

Anthology; Canon; Octavio Paz; Poets; Translation.

* Departamento de Letras – Centro de Educação e Letras - Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE/Foz do Iguaçu - 85870-900 - Foz do Iguaçu – PR - Brasil. E-mail: josicorso@gmail.com

Muito da teoria da tradução atual existe graças à produtividade dos tradutores e estudiosos dos séculos passados. Existem diferentes fatores que podem exercer ou ainda exercem influência sobre a tradução e sobre a forma de se traduzir, e o contexto socioeconômico e político reflete diretamente na escolha das traduções. As culturas hegemônicas dominam essa parte tradutória, impõem a maneira através da língua e da cultura, influenciando, assim, intensamente na escolha dos textos selecionados.

A seleção das obras/autores, às vezes, é feita pelos editores, os quais escolhem os títulos em razão da questão econômica. Geralmente, as editoras que buscam o grande lucro selecionam nomes importantes e renomados para a elaboração de uma antologia. Para Even-Zohar (1990) a tradução não é um fenômeno de natureza e fronteiras definidas, senão uma atividade que depende das relações que se estabelecem dentro de um determinado sistema cultural.

Em particular, a tradução de poesia trata de uma propriedade geral da linguagem, feita de signos insubstituíveis e imóveis. O tradutor tem que construir signos móveis dentro de um poema imóvel sem modificar essa estrutura. Assim, cada leitura é uma tradução e cada crítica uma interpretação. Nesse sentido, traduzir é aproximar culturas, construir elos entre povos distintos, de línguas diferentes, proporcionando o conhecimento da cultura do outro através de um diálogo de aproximação.

Sobre a leitura, é possível afirmar que é uma tradução dentro da própria língua e a crítica é uma versão livre do poema; poderíamos dizer que é uma transposição. A tradução poética consiste em produzir por diferentes meios efeitos análogos. O tradutor vagueia entre os diferentes significados, atravessa esses obstáculos e sugere que pode haver leituras difusas em uma língua estrangeira além do texto traduzido.

A *Teoria dos Polissistemas*, desenvolvida por Even-Zohar (1990), revela-se muito produtiva no âmbito dos estudos da tradução. A partir de dois sistemas literários postos em confronto, ele define o ato de traduzir, observando que a tradução é uma atividade social e culturalmente marcada por uma cultura marginal, nova e fraca, que tende a fazer mais traduções do que uma cultura forte, central e estável. Portanto, a tradução pode canonizar, valorizar ou ainda excluir um determinado autor ou uma determinada obra. Tendo em mente que *Versiones y Diversiones* trata-se uma antologia e, levando em consideração, a possibilidade de consolidar alguns escritores (ou não), Pascale Casanova (2002, p. 161), em *A república mundial das letras*, observa que as antologias são "a ordenação do conhecimento de modo que o próximo homem (ou geração) possa achar, o mais rapidamente possível, a parte viva dele e gastar o mínimo de tempo com itens obsoletos".

As antologias, portanto, fazem a escolha, o que é algo individual e estético (não sendo político nem social), reproduzindo uma literatura compacta de consolidação de alguns escritores. Eliot (1969) retoma esse aspecto em seu artigo *What is Minor Poetry* e observa que as antologias são úteis e necessárias, porque ninguém tem tempo para ler tudo.

Segundo Eliot (1969), é muito importante para qualquer jovem poeta ter suas poesias publicadas, primeiramente, em uma antologia, do que em um livro individual, pois para ele a antologia eterniza. Ela nos oferece uma grande diversidade de escritores, propicia-nos também tomar conhecimento dos poetas menores, os quais não possuem muitos textos publicados, que gostaríamos de conhecer mais e que, geralmente, não são consagrados pela crítica, ficando isolados do círculo da crítica literária. Ele ainda afirma que há uma grande importância em ler diferentes autores, estilos, gêneros e tantos outros aspectos

os quais diferem entre si, o que só podemos encontrar nas antologias. Observa, ainda, que não se pode afirmar que ler a coleção completa de um autor é mais proveitoso do que ler apenas partes. O que faz com que a poesia contemporânea sobreviva é o tempo e a tradição. É importante lermos as criações atuais sem esquecer da passada, a poesia clássica; pois o que foi consagrado pela tradição não deve ser esquecido. As antologias são importantíssimas para a história da humanidade e é devido a elas que a literatura chinesa, grega e latina sobreviveram ao longo dos tempos.

A antologia analisada, *Versiones y diversiones*, de Octavio Paz, contém 715 páginas, numa seleção de 94 poetas e 313 poemas e contempla grande parte de suas traduções. Foi publicada pela primeira vez em 1974, com a versão original dos poemas em francês, inglês e português (bilingue), exceto dos poemas suecos e orientais. Observa-se a exclusão bilingue, nessa parte da antologia, em virtude de Paz não traduzir diretamente dos originais, e sim através de algumas traduções em inglês. Fez uso também da fonética e de traduções interlineares, pois os poemas chineses e japoneses necessitam de elementos conectores, já que não há união sintática nos versos dos poemas. Na segunda edição, ampliada, contempla a poesia chinesa, a indiana e a japonesa, respectivamente, nas edições de 1978 e 1995. Mas a versão publicada em 2000, surpreende-nos porque traz as *Sendas de Oku*, que é um clássico do poeta Basho, o mestre do haikai japonês.

A questão da escolha dos nomes dos poetas é bastante particular, e segundo ele, suas escolhas não foram ditadas através de uma autoridade institucional para a formação do cânone, nem mercadológica, e sim pelo gosto pessoal, o que pode justificar-se por argumentos estéticos ou até mesmo pela própria crítica. A ideia seria um tanto quanto pedagógica, fornecendo aos jovens um currículo mínimo de leituras formadoras. Ele justifica que sua antologia tem a intenção de oferecer uma "cultura diversão" ao leitor, entretanto, percebemos, nitidamente, a inclusão de nomes canonizados.

Paz fundamenta-se num discurso forte e teoricamente extenso na justificativa de suas escolhas. Ele se coloca como um simples leitor. O próprio poeta se autodefende afirmando: "meus pontos de vista são os de um hispano-americano, eles não são uma dissertação desinteressada, mas uma exploração de minhas origens e uma tentativa de autodefinição indireta" (PAZ *apud* PERRONE-MOISÉS, 1998, p. 151).

Diferentemente de Paz, Ezra Pound (1986), foi um dos que mais se preocupou, de maneira constante e bastante sistemática, com a escolha da listagem dos autores básicos, estabelecendo um cânone didático. Para ele, em *ABC da Literatura*, o leitor deveria ir direto aos textos indicados, compreendendo, assim, os critérios determinantes de suas escolhas. Valoriza, exclusivamente, a técnica poética, deixando de lado a expressividade do poeta e os efeitos psicológicos causados no leitor. Para ele, a tradução está diretamente ligada à renovação; a teoria e a crítica baseiam-se em valores explícitos, porque a literatura é pensada no âmbito da esfera cultural, sendo uma balança de valores.

Em *Versiones y diversiones*, Paz demonstra um encantamento pelas literaturas orientais: chinesa, japonesa e indiana. Em nota preliminar do ano de 1973 (ainda na primeira edição), justifica algumas inclusões por amizade, outras por gosto próprio e, ainda, por indicação de terceiros. A inclusão dos poetas orientais é, sem dúvida, porque viveu durante seis anos na Índia como embaixador, podendo então se inteirar da cultura e língua do país. Ele também explica ao público sobre a escolha dos poetas japoneses e observa que Eirichi Hayashiya o auxiliou nas traduções fonéticas, porque ele possuía um pouco de

dificuldade, em função desta língua ser muito diferente da latina. O tradutor chama atenção do leitor para o fato de que este livro não é para ser lido nem julgado como um trabalho de investigação ou formação literária, isso porque não inclui os originais, devido ao desejo de, a partir de poemas em outras línguas, fazer poemas na dele.

Em relação à estrutura da antologia, está dividida em seis partes denominadas: *Versiones y diversiones*, *Poemas de Fernando Pessoa*, *Quatro poetas suecos*, *Kavya*, *China* e *Japón*. Acredita-se que essa organização não siga uma regra rígida, mas, sim, esteja organizada de uma maneira que o leitor sintase bem ao manuseá-la, surpreendendo-se a cada avanço na sua leitura.

Na primeira parte (I. *Versiones y diversiones*) constam quatorze poetas franceses, dez americanos, dois ingleses, um irlandês, um polonês e um de origem húngara. Com o sistema bilíngue, são 315 páginas com os mais diversos autores como: Théophile de Viau, Gérard de Nerval, Stéphane Mallarmé, Guillaume Apollinaire, Jules Supervielle, Jean Cocteau, Pierre Reverdy, Paul Éluard, André Breton, Henri Michaux, René Char, Georges Schehadé, Alain Borquet, Yesé Amory, John Donne, Andrew Marvell, William Butler Yeats, Ezra Pound, Wallace Stevens, E.E. Cummings, William Carlos Williams, Harte Crane, Elizabeth Bishop, Charles Tomlinson, Ivar Ivask, Mark Strand, Czeslaw Milosz, György Somlyó e Lysander Kemp.

Os poetas estão organizados em ordem cronológica dentro de cada país (seção). A grande maioria dos poetas escolhidos são destaques dentro da literatura que, de uma maneira ou outra, inovaram ao criarem novos estilos e tendências, ampliando a Poesia Moderna. Muitos são poetas surrealistas e metafísicos, investigavam o homem e o mundo. Outros, atuando no meio artístico e literário, começam a se destacar no cinema, como é o caso de Jean Cocteau, que é popular tanto na cinematografia quanto na literatura francesa. Além de escrever poesia, também é especialista na prosa.

Os temas dos poemas de toda essa antologia são os mais diversos possíveis. Paz não faz uma seleção somente sobre amor, ou ódio, ou batalhas, mas, sim, escolhe poemas que evocam os mais diferentes assuntos devido à imensidão da obra. Ao observarmos dentro de cada divisão geográfica feita por Paz na sua antologia, cada parte prioriza um determinado tema (isso acontece mais frequentemente com os orientais). Mencionamos, também, que na poesia indiana há a sutil predominância do erotismo.

Já na parte número dois, que se intitula *II. Poemas de Fernando Pessoa*, o tradutor selecionou produções de três heterônimos pessoanos (Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos), não excluindo o próprio ortônimo, Fernando Pessoa. São doze poemas de Alberto Caeiro, treze odes de Ricardo Reis, quatoze poemas de Álvaro de Campos (incluindo *Ode triunfal e Tabacaria*) e, ainda, treze poemas de Fernando Pessoa ortônimo, com a presença da tradução de *Mensagem*, texto referencial do poeta lusitano. É possível perceber que, nessa segunda parte, Paz optou pelas composições mais conhecidas desses poetas, pois são escolhas que marcam contundentemente as características de cada um deles, em que podemos identificar as peculiaridades heteronímicas ao lê-los; incluindo as três grandes produções de Fernando Pessoa, mencionadas acima. Quando privilegia o português Fernando Pessoa e seus heterônimos, Paz não deixa, também, de se utilizar de um nome já consagrado, demonstrando, mais uma vez, que suas escolhas não são desprovidas de juízo de valor.

Na terceira parte da antologia (*III. Quatro poetas suecos*), Paz seleciona Harry Martinson, Artur Lundkvist, Gunnar Ekelöf e Erik Lindegren. Harry Martinson foi Nobel de Literatura e os outros três são os grandes destaques da

segunda metade do século XX da poesia sueca. No total, são vinte e cinco poemas, sem a presença dos textos originais. A partir de agora a antologia deixa de ser bilíngue, não contendo mais as duas versões. Abaixo do título desta terceira parte da publicação, o tradutor cita a colaboração de Pierre Zekeli que ajudou-o nas transcrições fonéticas.

A partir da quarta parte da antologia, denominada *IV. Kavya*, o tradutor nos imerge em um magnífico mundo desconhecido. Antes de nos apresentar os poemas (epigramas) e os poetas, Paz escreve um prefácio de onze páginas (datado de 1995), em que explora um pouco da poesia da Índia, “la poesía sânscrita clásica”, que traduziu por gratidão, curiosidade e divertimento.

Para divulgar essa cultura oriental, informa ao leitor que esse tipo de produção é pouco conhecido para os povos do Ocidente e, menos ainda, para os hispano-americanos, porque a concentração das traduções está voltada para os textos filosóficos e religiosos. Faz alusões aos poemas, explanando sobre a forma, que é curta e variada. Segundo Paz, a poesia sânscrita é rica pela sua forma morfológica de sintaxe livre e de vocabulário caótico. Trata de temas das grandes epopeias, não deixando os aspectos corriqueiros de lado.

A grande dificuldade na tradução dos epigramas, além da abundante quantidade de figuras de linguagens, aliterações, paranomásias, rimas, jogos de sentidos e sons, é o jogo de palavras que (con)funde os versos dobrando os sentidos. São poemas escritos há mais de mil anos, mas, mesmo assim, não deixam de ser modernos. Essa seleção é feita por Paz através da antologia de Ingalls. O tradutor afirma que gostaria de ter se baseado nas traduções de John Brough, mas, apesar da perfeição métrica, John afasta a rima do texto original.

Paz lembra os leitores que alguns poemas possuem autores desconhecidos e que suas traduções são “traduções das traduções das traduções”, não tendo um valor, portanto, filológico. Dentre os nomes selecionados estão: Bhartrihari, Kalidasa, Ladahacandra, Vikalanitamba Amaru, Bhavakadevi, Bilhama, Kshitisa, Rudrata, Dharmakirti, Vira, Krishnabhatta, Vallana, Bhavabhuti, somando um total treze poetas e vinte e cinco epigramas. Esses poetas são os grandes nomes da poesia sânscrita, destaques que inovaram dentro do estilo *kavya*.

A próxima parte da antologia, diz respeito à produção chinesa (*V. China*). Paz introduz esse país com uma nota (1996) sobre suas traduções, ainda falando sobre a inclusão do filósofo (e poeta) taoísta Chuang-tse do século IV a.C., e acerca do título denominado por ele *Trazos*. Com uma introdução biográfica de Chuang-tse (com um subtítulo de *Un contraveneno*) de cinco páginas, faz evocação ao budismo e ao taoísmo, o que é imprescindível dizer, para que o leitor possa inteirar-se das páginas que virão em seguida. Paz traduziu de Chuang-tse os seguintes temas: lógica, dialética, moral e sabedoria. São todos textos de ensinamentos e raciocínio. Em seguida, segue o subtítulo: *Trazos*. O tradutor faz uma pequena introdução à literatura chinesa e sobre os quatro escritores chineses selecionados, críticos da moral e da filosofia que escreviam contra o abuso dos poderosos. São oito poemas em prosa de nomes como Hsi K'ang, Lieu Ling, Han Yu, Lieu Tsang-Yeu.

Logo em seguida, Paz faz mais uma subdivisão nessa seção, introduzindo dez poetas das diferentes dinastias chinesas: Fou Hinan, Wang Wei, Li Po, Tu Fu, Yuan Chieh, Han Yu, Po Chu-I, Tch'en T'ao, Su Tung-P'O, Li Ch'ing-Chao e Fan-Kh'i. Totaliza quinze poemas chineses que transmitem pensamentos e tradições religiosas, sendo que há uma certa predominância da temática do amor.

Aqui, há uma curiosidade, pois antes de Paz colocar os poemas de Li Ch'ing-Chao, escreve cinco páginas explicativas sobre a poetisa. Faz alocação à sua vida pessoal, à família, ao casamento e às suas lutas. Isso se dá porque ela foi a

maior poetisa da dinastia SONG (que revivia o confucionismo), autora dos mais belos poemas da sua época. Paz também aproveita para dizer que suas traduções baseiam-se nas de Eugene Eoyang, Lyang Paitchin, Kenneth Rexroth, Li Ch'uang, K. Y. Hsui, C. H. Kwôck e Vicent Mc Hugh.

Para finalizar a antologia, outro país oriental, o Japão, é contemplado pelo tradutor (*VI. Japón*). Paz prioriza as formas da poesia clássica japonesa: Tanka e Haikú (haikai), que são poemas breves compostos por cinco linhas de cinco e sete sílabas. Faz uma pequena introdução explicativa sobre essas duas formas e, em seguida, apresenta os poemas, geralmente sem título. Os nomes dos poetas vêm escritos logo abaixo das composições. São trinta e dois poemas, sendo quatro de autoria desconhecida, retirados da antologia de Kokinshu, do século X. Foram selecionados vários poetas: Kakiomoto Hitomaro, El monje Mazei, Ariwara no Narihira, Ex emperador Yozei, Emperador Uda, Ki no Tsurayuki, Ono no Komachi, Bunya Yasukide, Izumi Shikibu, Noin Hoshi, Tsumori Kunimoto, El monje Saigyô, Fujiwara no Sadaie, Reize Tamehide, Jamazaki Sokán, Arakida Moritake, Matsunaga Teitoku, Nishiyama Soin, Matsuo Basho (com quatro versões), Enamoto Kikaku, Mukai Kyorai, Kawai Sora, Hattori Ransetsu, Yosa Buson, Oshima Ryota, Kobayashi Issa, El monje Ryokan, e Masaoka Shiki.

Dando privilégio a Matsuo Basho, que foi o principal divulgador do haikai no Japão, Paz traduziu as *Sendas de Oku*, fazendo uma advertência à primeira edição, lembrando que o texto possui mais de setenta notas de auxílio explicativo. Em seguida, escreve três ricas páginas sobre a vida de Matsuo Basho, abarcando sua obra e seu diário de viagem (que deu origem às *Sendas de Oku*). São quarenta páginas de um maravilhoso itinerário, com poemas inclusos ao longo da narração em primeira pessoa.

Chegando ao final da antologia, encontram-se, então, as notas que incluem algumas anotações de Octavio Paz, nas quais estão os poetas e suas referências bibliográficas. Essas notas estão separadas, também, geograficamente. Em seguida, o índice, sendo uma parte bilíngue e a outra não. Finalizamos, assim, na 715ª página nossa leitura e análise, extasiados pela gama de nomes contidos nessa antologia.

As escolhas de Octavio Paz são as que induzem à afirmação do cânone, através dos valores estéticos e críticos. Fornece aos leitores um currículo mínimo de leituras formadoras, embora assegure, em notas contidas na antologia, que seu objetivo não é esse.

OZELAME, J. K. C. *Versiones y Diversiones* - a Translated Canon. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v. 2, n. 1, p. 46-52, 2010.

Referências

CASANOVA, P. *A República mundial das Letras*. Trad. Marina Appenzeller São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

ELIOT, T. S. What is Minor Poetry. *On Poetry and Poets*. London: Faber and Faber, 1969.

EVEN-ZOHAR, I. Polysystem Theory. *Polysystem Studies*, **Poetics Today**, v. 11, n. 1, p. 09 – 26, 1990.

PAZ, O. *Versiones y diversiones*. Barcelona: Editora Gutenberg, 2002.

PERRONE-MOISÉS, L. *Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

POUND, E. *ABC da literatura*. Trad. Augusto de Campos e José Paulo Paes. São Paulo: Cultrix, 1986.